

TRANSMISSÃO, CONTÁGIO E OBLITERAÇÃO DA TECNOLOGIA

Lúcio Reis Filho [i]

Em “Living Dead Networks”, Eugene Thacker (2005) explica a conexão existente, na cultura popular contemporânea, entre as ideias de contágio e transmissão de informação. O filme *Extermínio (28 Days Later, 2002)* sugere uma relação abstrata entre as imagens midiáticas e um vírus biológico; *O Chamado (Ringu, 1998)* dá um passo adiante: apresenta uma fita de vídeo que causa a morte misteriosa do espectador e torna-se uma espécie de vetor para as imagens contagiosas e fatais. Outro exemplo é o *videogame Resident Evil: Outbreak* (que segue a premissa dos títulos anteriores da série: a liberação de um vírus que transforma humanos em zumbis canibais). No interior diegético do mundo virtual, a rede biológica da epidemia é imersa na rede informática ou de infra-estrutura técnica, que viabiliza a jogabilidade. Mas o que esses três exemplos têm em comum? Eles levantam a questão da relação contágio-transmissão, ou da suposta materialidade da biologia e da suposta imaterialidade da informação. O conceito de contágio presume certa materialidade, que pode então ser abstraída em metáforas (tropos biológicos), enquanto o conceito de informação assume a forma de uma entidade imaterial que pode ser materializada numa gama de mídias materiais, físicas (DVDs, CDs, *hard drives*). Na cultura popular, o zumbi aparece sempre como resultado das epidemias biológicas (contágio), como se o medo maior por ele causado não estivesse relacionado à própria morte, e sim a uma morte além da morte, uma “morte em vida”, na qual o biológico é exclusivamente biológico, em que o “eu” não é nada além de um corpo. O medo contemporâneo relacionado ao morto-vivo não está ligado apenas ao temor de ser reduzido a nada além de um corpo. Na “sociedade em rede”, o horror talvez esteja relacionado ao medo de tornar-se nada além de informação – ou na incapacidade de distinguir a diferença entre contágio e transmissão. Partindo dessa perspectiva, observaremos o posicionamento de diversos estudiosos a respeito da materialidade da informação e da tecnologia, bem como o conceito de obliteração desta última. Consideraremos, também, a relação entre o ser humano e a máquina, e até que ponto a ciência da computação é influenciada pela biologia.

De acordo com o crítico norte-americano Mark Hansen, como nos lembra Belinda Barnet (2003), o discurso do século XX sobre a tecnologia (de Heidegger a

Derrida) esteve marcado por uma obsessão com a ideia de tecnologia enquanto suporte material, para fins de constituição do sujeito. De acordo com Thacker, apesar da teoria clássica da informação assumir um núcleo imaterial, o conceito de transmissão nunca pode ser separado de sua materialidade, dada a existência de materialidade na informática: a informação nunca é separada de seu canal, assim como a mensagem nunca é separada de seu meio. Críticos recentes, como Donna Haraway, reduzem a significância das tecnologias particulares ao seu impacto sobre a ideologia e a constituição do sujeito. A tecnologia enquanto artefato material desaparece numa lufada de significantes. Na óptica de Hansen, tais críticos defendem a primazia do material sobre o teórico. Dedicam-se a uma assimilação culturalista da tecnologia, reivindicando sua inexistência fora do discurso no qual está inserida. A hipótese de Derrida estabelece uma homologia entre linguagem e tecnologia. Hansen sugere que a tecnologia seja avaliada a partir de seus efeitos concretos empíricos, não apenas a partir de sua significância cultural ou simbólica, por ser bem mais do que unicamente um efeito da linguagem.

Para Katherine Hayles, a argumentação de Hansen revela que a tecnologia não está apenas inserida na linguagem, mas é *obliterada* por ela. Em outras palavras, a linguagem roça o terreno. Segundo Hansen, a questão da obliteração da tecnologia parece ser endêmica ao discurso da tecnologia do século XX. De acordo com Barnet, enquanto seres humanos temos medo do tempo e da efemeridade. A obliteração do mundo físico é um dos sintomas do logocentrismo: uma expressão do nosso medo do tempo, da efemeridade e do envelhecimento, o medo da morte. O conceito da nossa própria morte e sua consciência nos marcam enquanto seres humanos que criam os arquivos e os modos de captura: “(...) a diferença entre o animal e o ser humano é a relação com a morte” (Derrida, 1993: 44). Essa questão e essa consciência se expressam através da linguagem e tecnologia, o desejo de definir e tornar o mundo inteligível.

Para Derrida, a função primeira da tecnologia é reforçar a inteligibilidade para criar representações. Dessa maneira, a tecnologia e o próprio arquivo seriam máquinas para criar representações, ou seja, a tecnologia seria, sempre, uma representação e também uma expressão do desejo de capturar o mundo físico. Através das tecnologias, produzimos sentido *para* o mundo. Quando Derrida sugere que a nossa experiência está ligada ao substrato técnico, entende como substrato a morte e a finitude no interior da psique. Portanto, a tecnologia torna possível a representação, conclui Hansen a partir dos escritos de Derrida. Para este, o computador, como é conhecido, sustenta a

alucinação de um interlocutor (anônimo ou não), de um outro “sujeito” (espontâneo e autônomo: automático) que pode ocupar mais de um lugar e interpretar muitos papéis, invisível, sem rosto por trás de sua tela. Aqui, é importante considerar o conceito das “redes não-humanas”, de Eugene Thacker, definição que não parte da obliteração – e da subsequente substituição, por parte dos computadores, do elemento humano no interior das redes. Paradoxalmente, as “redes não-humanas” recebem essa alcunha pois consideram-se parte integrante das redes tanto a ação humana como a sua capacidade de tomar decisões.

De acordo com Barthes, abordamos a tecnologia através da linguagem, ou através do corpo, enquanto uma experiência pré-lingüística. Porém, segundo Derrida, quando escrevemos à mão não retrocedemos às vésperas da técnica, uma vez que já existe aí uma reprodução regular dos textos, a possibilidade de cópia mecânica. Dessa maneira, não seria legítimo opor a escrita manual à “mecânica” como um artesanato pré-técnico oposto à técnica. Em relação ao advento do computador, é interessante observar a visão de Derrida sobre a função que desempenha, na história, “essa nova máquina que elimina obstáculos, que torna o texto legível, demasiado fácil e claro”. A informática evoluiu da cibernética, da teoria dos sistemas e da teoria da informação – teorias que, sem dúvida, privilegiam a informação como uma entidade “desencarnada”. Ao ser questionado sobre a natureza atual do texto (uma representação fantasmagórica, por já não possuir matéria nem tinta?), Derrida responde que a imagem do texto “tratado” pelo computador é fantasmagórica na medida em que é menos corpórea, mais “espiritual”, etérea. Para Derrida, há uma mudança, mas ele não é capaz de afirmar se ela se traduz em uma mudança na escrita”. Quanto ao processamento dos textos, a transformação parece ser de ordem econômica, e não estrutural, e o problema com a escrita relacionaria-se à sua limitação quanto à capacidade de armazenamento de dados. Independente da técnica, diretamente ligada ao contexto histórico e cultural de dada época, frisamos que a tecnologia possibilita a representação. Nas palavras de Stiegler, não podemos deixar de abordar o mundo através das tecnologias de nossa própria percepção. Os seres humanos inventam-se dentro da linguagem e da tecnologia, dentro das técnicas.

A análise dos textos parece revelar uma dicotomia. Por um lado, vemos que a informática é influenciada pela ciência da biologia. A ciência das redes, por exemplo, se sujeitou às leis da epidemiologia. Ao mesmo tempo, a partir da tecnologia, a materialidade dessa ciência parece converter-se em imaterialidade. Por outro, Derrida

sugere que os textos processados através dessa mesma tecnologia obtêm um caráter espiritual e etéreo, uma natureza sobrenatural, intangível, que parece escapar da ciência.

Referências

Barnet, Belinda. "The Erasure of Technology in Cultural Critique." *The Fibreculture Journal*, 2003. Web. 2 Jun. 2011.

Thacker, Eugene. "Living dead networks." *The Fibreculture Journal*, 2005. Web. 2 Jun. 2011.

Derrida, Jacques. "El tratamiento del texto." *La Quinzaine Littéraire*, 1996, p. 4-7. Web. 2 Jun. 2011.

[i] Lúcio Reis Filho é historiador, especialista em Jornalismo Científico e mestrando em Comunicação (PPGCOM-UFJF).